

ALVES, Fábio Lopes. *Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*. São Paulo: Arte e Ciência, 2010. 192 pp.

MARCELO DE PAULA PEREIRA PERILO

Estudar um tema eivado de estereótipos, tal como a prostituição, é um desafio e, simultaneamente, um campo fértil para reflexões visto uma série de disputas políticas, jurídicas e morais relacionadas a este ofício e a quem dele se vale. Eis que um dos êxitos de Fábio Lopes Alves é justamente investir nesse terreno complexo e frutífero em seu livro *Noites de Cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*. A obra é oriunda da pesquisa que Alves realizou durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), defendida em 2010 sob a orientação de Édison Gastaldo. Com uma aguda sensibilidade etnográfica, o autor reflete o cotidiano em uma zona de meretrício atentando para as histórias de vida de algumas das mulheres que ali vivem e se prostituem.

Alves questiona de pronto o suposto da prostituição como um ofício universal e atemporal, sendo que para refleti-lo é necessário contextualizar o espaço e as relações entre as pessoas que se prostituem e seus eventuais clientes. Assim, o autor realizou seis meses de trabalho de campo no Geni Drinks, bordel que leva o nome de sua proprietária e administradora¹, onde pôde realizar sua investigação, mediante o aval de Geni, o que entusiasmou as garotas de programa que atuavam no estabelecimento com a ideia de um livro sobre suas vidas.

A casa é situada em uma rodovia no perímetro urbano de um município não identificado

no texto e havia sido projetada para operar como uma pensão, mas antes de Geni assumir seu controle o espaço fora adaptado em bordel. Ali vivem aproximadamente 25 mulheres adultas, que se prostituem por consentimento próprio, com as quais Alves conviveu a cada visita e com quem manteve conversas informais, inclusive acompanhando algumas em atividades para além da casa. O pesquisador ainda realizou sete entrevistas, sendo seis com garotas de programa e uma com o filho de Geni, que trabalhava como mototaxista.

A obra está dividida em quatro capítulos e conta ainda com um prefácio assinado por Édson Gastaldo, uma apresentação e uma última seção do texto onde são tecidas considerações finais.

No primeiro capítulo há um levantamento bibliográfico sobre a prostituição no âmbito das Ciências Sociais, o que não se pretende exaustivo, mas sinaliza obras de autores como Georg Simmel e Simone de Beauvoir, além dos textos de Maria Dulce Gaspar e Denise Martin. Nesse capítulo também são discutidos os referenciais teóricos acionados para a análise das interações sociais, o que é feito a partir da metáfora da *representação teatral* em consonância com a perspectiva de Ervin Goffman. Autores como Howard Becker e Gilberto Velho favorecem que Fábio Alves descarte a premissa da prostituição como desviante e reflita atores e disputas em contextos onde há transgressão de regras sociais. As elaborações de Georg Simmel para interação e sociabilidade também

são fundamentais para as análises realizadas no livro, incluindo o debate sobre a função do dinheiro nas interações sociais.

O segundo capítulo apresenta um panorama jurídico sobre a prostituição, onde são discutidos posicionamentos do Estado brasileiro quanto ao tema e os principais marcos legais sobre proxenetes, meretrizes e clientes, tendo em vista a particularidade do país ao reconhecer a prostituição a partir de 2002 na Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego.

A metodologia e parâmetros que orientaram o trabalho de campo são tópicos do debate no terceiro capítulo. Mediante os referenciais apreendidos de autores como Bronisław Malinowski, William Foote Whyte, Laud Humphreys e Ruth Cardoso, são discutidas as condições da entrada e permanência no Geni Drinks, bem como as sucessivas negociações junto às moradoras da casa. Além da empatia e confiança que são demandadas a pesquisadores em trabalhos de campo, curioso é notar como Alves se inseriu no contexto etnográfico e como driblou as saias-justas durante a investigação. Ao passo que realizava a observação participante, ele servia a suas interlocutoras como taxista, segurança e caixa do cabaré. Com isso o pesquisador galgou reconhecimento de Geni e das profissionais do sexo a ponto de escrever um livro cujos relatos e análises são fruto de uma intensa imersão junto às pessoas e ao lugar.

No quarto capítulo são analisados os dados apreendidos a partir do trabalho de campo, o que permite aos leitores experimentar situações burlescas ou pungentes na medida em que Barbie, Janaína, Raissa, Tamires, Mila e Juliana e outras garotas de programa ganham destaque em suas histórias e pontos de vista. Considerando o Geni Drinks como uma instituição social, alguns termos como *estigma*, *interação* e

sociabilidade são acionados como noções-chave para a leitura das relações que ocorrem neste cabaré. Alves recorre ainda a Pierre Bourdieu para discutir sobre dominação masculina, bem como a Joan Scott para investir em gênero como categoria analítica.

Ao ingressarmos na zona de meretrício por meio do livro, é possível notar as regras e convenções que conformam o universo etnográfico. Nesse bordel “de beira de estrada” nem tudo é mediado pelo dinheiro e o que pode ocorrer está relacionado às interações entre Geni, as mulheres que ali realizam seu trabalho e os diversos homens que frequentam a casa. Esse não é um lugar onde tudo pode acontecer, sendo que os incentivos ao sexo seguem restrições e limites pactuados entre as garotas de programa e seus clientes. Segundo o autor, a maioria delas, por exemplo, não beijam nas bocas dos homens que pagam por seus serviços, sendo esta modalidade de carícia reservada somente a namorados e maridos.

O letreiro na fachada do cabaré indica funcionamento da casa 24 horas por dia, mas é no período noturno que o movimento se faz mais intenso, principalmente aos finais de semana. O valor mínimo de cada programa corresponde a oitenta reais, sendo que a entrada no bordel, a música que anima o ambiente, os stripteases e as bebidas são tarifadas em separado. Algumas das mulheres relatam já ter recebido sete mil reais em um mês de trabalho, outras sinalizam dois mil reais angariados em apenas uma noite de atendimentos. Contudo, apesar de potencialmente rentável, a prostituição nessa casa não é isenta de problemas, e as situações mais graves são aquelas em que os clientes ultrapassam as fronteiras de consentimento estabelecidas pelas profissionais do sexo durante algum programa.

Um dos episódios extremos relatados pelo autor remonta ao caso de um homem que pa-

gou uma expressiva quantia para bater no rosto e corpo de Camila. Após o contato com seu cliente, a garota saiu aos prantos de um dos quartos do bordel. O pesquisador a encontrou ainda quando eram evidentes as marcas em seu corpo em função de fortes golpes aplicados pelo homem a quem ela acabara de atender. Essa situação desafia a análise sobre as interações entre garotas de programa e seus clientes, pois, apesar de lamentar a agressão física na tênue fronteira do consentimento possivelmente ultrapassada pelo homem, Camila interpretou tal situação de modo a considerar-se em posição de vantagem tendo em conta a recompensa financeira que recebeu de seu cliente.

A partir desses episódios e amparado por Pierre Bourdieu, Fábio Alves tende a ler a prostituição nesse cabaré como relacionada à violência de gênero e à dominação masculina, que seriam inclusive legitimadas pelas profissionais do sexo em função do dinheiro que recebem em tais interações. O flagrante de dor no caso de Camila certamente é um caso explícito onde a violência se manifesta de maneira intensa, mas um questionamento a se fazer à obra corresponde ao suposto da prostituição como âmbito necessária e exclusivamente relacionado à exploração de mulheres. As interações entre as garotas de programa e seus clientes nesse contexto seriam caracterizadas apenas pela submissão daquelas que se prostituem? O que possivelmente renderia mais elementos para essa análise seria a reflexão sobre *quando* – e não exclusivamente *como* – ocorrem violências e submissões no contexto etnografado.

Com isso não se perderia de foco o questionamento que amiúde vem sendo realizado por teóricas feministas sobre a suposta universalidade, hegemonia e homogeneidade da dominação masculina². No livro pululam dados etnográficos que sugerem o poder de agência³ dessas mulheres nos contextos em que se en-

contram: os critérios adotados pelas garotas de programa para a seleção de parceiros; as diversas compreensões sobre o que é autorizado, quando ocorre e quando cessa uma interação erótica; a margem de negociação e as estratégias que detêm para controlar seus clientes e os programas. Como o dinheiro não é moeda para qualquer troca, é a própria Camila quem aciona sua subjetividade e, com isso, não permite que seja circunscrita a uma suposta e implacável submissão. Em uma passagem memorável, a garota explica ao pesquisador que não é apenas o dinheiro que a faz ceder em algumas práticas, como o sexo anal, pois, segundo ela, “Cu não se compra. Cu se conquista” (p. 172).

As mulheres que vivem no Geni Drinks são apresentadas para além dos programas que realizam, pois as entrevistas que algumas delas cederam ao pesquisador permitem uma sensível reflexão sobre suas trajetórias de vida. Muitas dessas profissionais “caem na vida” ou “se perdem” – expressões que elas utilizam e que denotam seu ingresso na prostituição – quando ainda adolescentes e quando têm um histórico de violências familiares somado a precários recursos financeiros. Contudo, em lugar de pensar a vida na zona de meretrício como necessariamente pesada ou problemática, muitas garotas de programa relatam que com a prostituição obtêm prazer e satisfação. Há inconvenientes do cotidiano, como os homens que lhes contam histórias enfadonhas sobre suas esposas e seu trabalho, mas nem todas as garotas se incomodam em ser “psicólogas do prazer”, como assim o relatam.

As trajetórias e anseios das mulheres no Geni Drinks são diversas e Fábio Lopes Alves identifica cautelosamente que não cabe generalizar as experiências de quem reside e trabalha na casa. O caso das duas garotas de programa que são namoradas, as profissionais do sexo e as relações com seus filhos, as irmãs que traba-

lham juntas e demais particularidades correspondem a um conjunto complexo de pessoas com quem o pesquisador conviveu. Ademais, há intensas disputas entre essas mulheres, que estão relacionadas à busca de prestígio na relação que mantêm com a dona do Geni Drinks e ao interesse por receber os mais educados e bondosos clientes, ou seja, aqueles que oferecem mais dinheiro e atendem prontamente aos comandos das garotas de programa.

A prostituição é um tema que certamente concerne a diversos sujeitos, atores sociais e instituições. A partir de seu livro, Fábio Lopes Alves nos mostra um universo preenchido por relações e processos definitivamente mais abrangentes e densos que se poderia apreender a partir da fachada do cabaré ou nas roupas e performances insinuantes das garotas de programa. Engana-se quem pensa que os segredos da prostituição são relacionados apenas às interações mediadas por dinheiro, pois a leitura do livro descortina aos olhos e aos sentimentos

de cada leitor esse mundo intenso, complexo e preenchido por tensões e sedução.

Notas

1. Em função do rigor ético na pesquisa, Alves substituiu o nome das pessoas envolvidas na investigação por outros que não as identificassem e, assim, atribuiu à dona do cabaré o nome da célebre personagem na canção “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque.
2. Ver CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 54, pp. 43-53, 1999.
3. Ver PISCITELLI, Adriana. Estigma e trabalho sexual: comentários a partir de leituras sobre turismo sexual. In: CÁCERES, Carlos; CAREAGA, Gloria; FRASCA, Tim; PECHENY, Mario. (Orgs.). *Sexualidad, estima y derechos humanos: desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Lima: FASPA/UPCH, 2006, pp. 223-250.

autor **Marcelo de Paula Pereira Perilo**
Mestre em Antropologia Social/Universidade Federal de Goiás

Recebida em 14/08/2012

Aceita para publicação em 13/10/2012